

REPRESENTAÇÕES SOBRE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADES AO LONGO DA VIDA: DISCURSOS DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

*REPRESENTATIONS ABOUT THE BODY, GENDER AND
SEXUALITY IN LIFETIME: SPEECHES OF STUDENTS
OF THE GRADUATE PROGRAM IN EDUCATION*

Alfrancio Ferreira Dias
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Maria Eulina Pessoa de Carvalho
Francisca Jocineide da Costa e Silva

Maria Stella Nunes de Luna
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Resumo

O corpo constitui-se como objeto de estudo acadêmico/científico que abarca as mais variadas problemáticas e campos disciplinares e tem vinculações muito estreitas com a educação. Partindo desses pressupostos, o texto visa expor teoricamente (conceitos) e empiricamente (experiências) de aprendizagem sobre corpo e sua interseção com gênero e sexualidade ao longo da vida (infância, juventude, idade adulta, velhice) de estudantes de Pós-graduação em Educação. Teoricamente, a reflexão sobre corpo, identidade e diferença situa-se nos campos dos estudos culturais da educação e estudos de gênero e sexualidade, influenciadas pelos estudos pós-estruturalistas. Metodologicamente, realizou-se coleta e análise das representações d@s alun@s de uma turma de Tópicos em Estudos Culturais da Educação, ofertada no primeiro semestre de 2015. Considera-se que a exploração das experiências e representações de corpo em suas interseções com gênero, sexualidade e geração constitui um desafio para todos que se interessam pela ampliação dos estudos do corpo e educação, criando um campo discursivo para a análise da contribuição desses estudos, bem como para refletir e falar sobre os corpos como “construtos culturais” e “performances”, interrompendo seu silenciamento nas práticas sociais e pedagógicas.

Palavras-chave: Corpo; Docência; Gênero; Sexualidade.

Abstract

The body is constituted as object of academic/scientific study which includes a great variety of problems and disciplinary fields and has very close connections with education. From these assumptions, this text aims at exposing either theoretically (concepts) or empirically (experiences) learning about the body and its intersection with the gender and sexuality during the lifetime (childhood, youth, adult life, old age) of students of the graduate program in Education. Theoretically, the reflection on the body, identity and difference lies on the fields of cultural studies of education and studies of gender and sexuality, influenced by post-structuralist studies. Methodologically, the collection and analysis of students' representations have been held on a class of Topics in Cultural Studies of Education, offered on the first term of 2015. It has been considered that the exploration of experiences and representations of the body in its intersections with gender, sexuality and generation constitutes a challenge to all of those interested in the extension of studies in the body and education, creating a discursive field to the analysis of contribution of such studies, as well as to reflect and talk about bodies as “cultural constructs” and “performances”, interrupting its silencing in social and pedagogical practices.

Keywords: Body; Teaching; Gender; Sexuality.

Introdução

Falar sobre nosso corpo não é uma tarefa fácil. Costumeiramente fomos ensinados a silenciar as representações e expressões de sentimentos, emoções, desejos, erotismo e sexualidade, na socialização familiar primeiramente, e posteriormente em outros microssistemas da sociedade como é o caso das instituições escolares. A necessidade de corpos normatizados e com papéis e lugares bem definidos para homens e mulheres no convívio social é atendida por (e entendida como) processos de civilização, doutrinação e escolarização, forçados com mais ênfase nos corpos “anormais”, “incivilizados”, diferentes, excêntricos, ambíguos, que contestam as normas sociais estabelecidas (LOURO, 2010).

Refletir sobre o corpo no currículo, na prática escolar e na formação docente tem sido um desafio para educador@s. Além da separação corpo e mente, concebendo-se o corpo como mero suporte da mente que a escola deve treinar, essa dificuldade advém da forma naturalizada como o corpo é representado nas práticas sociais e culturais, e conseqüentemente no currículo escolar, onde aparece na Biologia (como células e sistemas de órgãos) e na Educação Física (como movimento/agilidade, força/músculos, geralmente no interesse do desenvolvimento da aptidão esportiva). A naturalização do corpo é um fenômeno social e simbólico que repercute na socialização de gênero, desde o início da vida, propondo sentidos e significações de masculinidade e feminilidade fixos para meninos e meninas, homens e mulheres.

A produção do conhecimento nas Ciências Sociais e Humanas, especificamente, a Sociologia, Antropologia e, mais tardiamente, a Educação, tem proposto o questionamento do corpo biológico, para pensá-lo como construção histórica, social e cultural, passível de

aprendizagens e intervenções. Pesquisas nessas áreas do conhecimento objetivam identificar como esse corpo passou a ser representado, classificado e materializado socialmente, para iniciar um processo de desconstrução dessas significações. Por exemplo, o reconhecimento de que a cultura condiciona as representações e imaginários sobre o masculino e feminino interroga as construções de gênero, corpo e sexualidade, em suas complexas imbricações. Assim, as representações de corpo, gênero e sexualidades constituem uma vertente analítica importante nos Estudos Culturais da Educação, em interseção com os Estudos de Gênero e Sexualidade, que mostra como as identidades masculinas e femininas são construídas nos diversos processos formativos.

Compreendemos que temos avançado nos questionamentos das normas sociais restritivas e do plano biológico/naturalizado do corpo e que, como pesquisador@s, nosso papel na análise do corpo como campo empírico supõe questionar a maneira pela qual velhos e novos discursos sobre o corpo estão sendo introduzidos e se desenvolvendo no campo da educação. Consideramos que no plano acadêmico/científico o corpo abarca as mais variadas problemáticas e campos disciplinares e tem vinculações muito estreitas com a educação: por um lado, com o desenvolvimento pessoal, particularmente da identidade, o autocuidado e autoconhecimento; por outro lado, com o reconhecimento da diferença e a realização da igualdade, que estão no centro das lutas emancipatórias de movimentos e grupos sociais que reivindicam um novo ideal de cidadania e a construção de um multiculturalismo emancipatório (Dias, 2014). Assim, trazemos leituras desenvolvidas nos últimos anos, influenciadas pelos estudos pós-críticos, em que o “mapa do poder é ampliado para incluir os processos

de dominação centrados na raça, na etnia, no gênero e na sexualidade” (SILVA, 2010, p. 149), bem como pelos estudos pós-estruturalistas, a partir da perspectiva de que a linguagem e os processos de significação influenciam a produção das relações sociais e do conhecimento.

Partindo dessas considerações, este texto busca articular questões epistemológicas presentes no contexto dos estudos sobre o corpo com reflexões sobre como estudantes de pós-graduação em educação representam suas experiências e expectativas sobre o corpo ao longo da vida (infância, juventude, idade adulta, velhice). A análise foi realizada no contexto do desenvolvimento da disciplina Tópicos em Estudos Culturais da Educação: gênero, corpo e sexualidade - aprendizagens ao longo da vida, ofertada pela linha de pesquisa Estudos Culturais da Educação do Programa de Pós-graduação em Educação de uma universidade pública federal, no primeiro semestre de 2015, aberta a alun@s especiais. A problematização sobre corpo, gênero e sexualidades na disciplina foi iniciada a partir dos seguintes questionamentos: *O que significam gênero, corpo e sexualidade para diferentes sujeitos, em diferentes fases da vida? Como (em que contextos, através de que práticas) eles e elas aprenderam a construir tais sentidos?* Especificamente, focalizamos as concepções d@s alun@s da disciplina sobre corpo e suas possíveis interseções com gênero e diversidade sexual em diferentes fases da vida.

A estratégia de coleta de dados junto a 33 participantes, 26 mulheres e 7 homens adult@s, deu-se em dois momentos específicos. No primeiro, @s estudantes responderam (em papel manuscrito, sem identificação) à questão: o que é corpo para você? As respostas espontâneas foram socializadas e lidas por tod@s @s participantes. No segundo momento,

foi realizado debate oral (gravado) das experiências e expectativas sobre o corpo d@s participantes. As narrativas orais foram transcritas e, juntamente com as escritas, foram tabuladas em categorias para análise: corpo/infância, juventude, fase adulta ou velhice; corpo/gênero e corpo/sexualidades. A ideia era trazer à tona as experiências de socialização, bem como questionamentos e ressignificações sobre o corpo d@s participante ao longo da vida, fazendo a interseção com as questões de gênero, sexualidade e geração, a partir das noções de diversidade e alteridade.

O corpo em questão

O corpo passou a ser visto muito recentemente como um campo empírico, principalmente a partir das contribuições da Antropologia e da Sociologia que passaram a questionar sua naturalização e a pensá-lo através dos processos culturais de construção de corporeidades padronizadas, através de discursos e práticas de naturalização, civilização ou silenciamento do corpo.

Para Foucault (2014), o corpo é uma superfície, um cenário de inscrição cultural dos acontecimentos. Le Breton (2007) também compreende o corpo como um fenômeno “social” e “cultural”, em que a corporeidade humana é carregada de motivos simbólicos que repercutem as representações e imaginários sociais. Como o corpo é “existencial”, “situado” e “temporal”, a expressão corporal também é mutável, volúvel e fragmentada a partir das experiências e estilos de vida dos indivíduos em cada contexto.

Não é possível pensar o corpo (mas, do mesmo modo, o gênero, o sexo, a sexualidade) fora da história e de valores de representações próprios a uma condição social e cultural em dado momento, ainda que o indivíduo faça deles

um assunto seu e se aproprie deles ao seu modo (LE BRETON, 2014, p. 19).

Assim, temos um corpo “mutável” e “receptivo” às intervenções científicas, sociais e culturais, contudo, obedecemos às normatizações e silenciemos ou bloqueamos outras representações, ações e experiências do corpo no espaço social e existencial.

Judith Butler (2010a), refletindo sobre a guerra contemporânea, diz que a ontologia do corpo está submetida a uma ontologia social, a partir de modos culturais de regulação afetivos e éticos e através de um enquadramento seletivo e diferencial da violência a que um “corpo para os outros” está sujeito.

O ‘ser’ do corpo a que essa ontologia se refere é aquele que é sempre entregue aos outros, às normas, às organizações sociais e políticas que se desenvolveram historicamente, a fim de maximizar a precariedade para uns e minimizar a precariedade para outros. Não é possível primeiro definir a ontologia do corpo e então se referir às significações sociais que o corpo assume. Em vez disso, ser um corpo é estar exposto à modelagem e à forma social, e isso é o que torna a ontologia do corpo uma ontologia social. Em outras palavras, o corpo está exposto a forças socialmente e politicamente articuladas, bem como a apelos de sociabilidade - incluindo a linguagem, o trabalho, e o desejo - que tornam possível a persistência e florescimento do corpo (Butler, 2010a, p. 2-3, nossa tradução).

Segundo Goellner (2010, p. 28), desnaturalizar o corpo, pensando-o “como algo produzido na e pela cultura é, simultaneamente um desafio e uma necessidade”. Faz-se necessária a desestabilização dos discursos normativos, dos processos de dominação e dos

dispositivos de sexualidade que tendem a educar os corpos e produzir diferenças, opressões, negações, exclusões. Faz-se necessária a compreensão dos processos de corporificação de identidades a partir da incorporação das relações que constituem a experiência em um corpo em constante transformação.

Esses avanços teóricos propõem ao campo da educação questões acerca do corpo, especialmente em sua interseção com gênero e sexualidade, e das formas pelas quais os significados de corpo estão sendo construídos; e também contestações das demarcações do sexo/gênero e dos dispositivos da sexualidade, que tendem a controlar ou normatizar o corpo.

Já sabemos que essa não é uma tarefa fácil para educador@s que lidam nas práticas escolares com expressões não-convencionas de corpo, sexualidade e gênero, e com identidades de gênero e sexuais que fogem à heteronormatividade. Cabe lembrar que, segundo Le Breton (2007), a construção do discurso sobre o corpo masculino e feminino sempre implica julgamentos de valor, situados socialmente e culturalmente; e que masculinidades e feminilidades foram construídas para demarcar os corpos, o gênero e os lugares de homens e mulheres na sociedade, excluindo os que não se enquadram nesses moldes ou os que estão na *fronteira*.

Portanto, faz-se necessária a inclusão do princípio da alteridade, do *eu* e os *outros*, questionando como vemos e o que fazemos com a *diferença* nas instituições e relações sociais. Nesse contexto, o trabalho pedagógico, em qualquer instituição e fase da vida, deveria ser pautado na diversidade, questionando a produção das diferenças.

Representações de alun@s de pós-graduação sobre corpo

Apresentamos uma experiência de aprendizagem e produção de conhecimento via coleta e análise de narrativas escritas e orais de estudantes de pós-graduação sobre o corpo e as formas pelas quais ele é representado, significado, vivido e experimentado. A proposta da disciplina era propiciar um espaço de discussão sobre os próprios corpos, sensações, desejos, sexualidades, significados e sentidos de experiências de corporeidade, demarcadas intimamente e na relação tempo e espaço, bem como na perspectiva da alteridade, como os *outros* me veem. Buscamos, a partir das narrativas, identificar elementos que nos permitam pensar como as representações dos corpos estão implicadas nas experiências de socialização ao longo da vida.

“Corpo é sujeito. Aquele construído continuamente e culturalmente. Pode ser observado e vivido”.

“Corpo é uma instituição. Carrega simbologia, significados, construções culturais, sentidos e experiências. É a materialidade do corpo que permite a construção dele enquanto instituição”.

Na primeira aula da disciplina 33 entusiasmad@s alun@s estiveram presentes, 21% do sexo masculino. Notava-se que a temática da disciplina, como evidenciam os relatos acima, já fazia parte da vida acadêmica de alguns/mas, que procuravam ampliar leituras e discussões sobre corpo, gênero e sexualidades, ou obter aportes para focar seus objetos de pesquisa na pós-graduação em educação ou outras áreas do conhecimento. A maioria estava ali na qualidade de alun@s especiais com matrícula para o semestre, ou seja, escolheram cursar a disciplina por interesse pessoal, pela curiosidade que essas

temáticas causam no cotidiano, nas relações familiares, escolares, sociais e profissionais.

A metodologia das aulas exposta no plano de curso tinha a seguinte redação: “cada participante realizará e compartilhará: experiências e elaborações espontâneas, levantamento bibliográfico, revisão conceitual, reflexões, seminário, elaboração de artigo”. Observou-se surpresa na turma quando @s docentes da disciplina propuseram inicialmente o levantamento de experiências pessoais para problematização e posterior articulação com os conceitos acessados na literatura científica. Foi dado um papel para cada participante escrever espontaneamente, sem identificação, sua compreensão de corpo a partir da própria experiência: quais os significados de corpo ao longo de suas vidas. Em seguida, tod@s leram os papéis dos demais e abriu-se a discussão coletiva sobre as narrativas espontâneas produzidas de forma escrita. Essa discussão foi gravada e posteriormente transcrita. Para a análise e discussão dos resultados, organizamos os dados a partir da articulação de corpo com gênero, sexualidade e geração (infância, juventude, idade adulta, velhice).

O corpo aparece em noções genéricas, isto é, que não denotam experiências pessoais situadas: matéria no espaço, moldada pelas interações sociais, estrutura biológica, matéria plástica, relações, sentimentos múltiplos, desejo e repressão, movimento, expressão, fisicalidade, tato, identificação, imagem:

“Algo que ocupa certo espaço, constitui-se de determinada matéria, possuindo especialidades que o diferenciam dos outros. Possui significados diferentes de acordo com o contexto no qual está sendo ressaltado. O corpo é uma matéria moldado pela interação social”.

“Há uma estrutura definida biologicamente quando nascemos, mas tam-

bém, assim, não é um padrão, nem todo mundo nasce igual, e também ao longo do tempo a gente pode modificar; a gente pode plastificar o corpo de alguma forma”.

“É a matéria que se entrelaça, se constitui, se desconstitui pelas relações e sentimentos carnis, espirituais, físicos, sociais e culturais”.

“Algo plástico que se transforma conforme nossos desejos e que passa por repressões de outrem”.

“Corpo é movimento, expressão da vontade do ser; cada sujeito pode expressar sua vontade de ser também pelo corpo, porque o “corpo fala”, exprime, reivindica, se fortalece ou padece”.

“O físico, que se toca, e é tocado. Que se insere na sociedade em relação com o outro. É a busca por identificar-se com ele em sua imagem e que este reflita para o mundo algo que se deseja transmitir”.

“É um movimento, uma estrutura. É uma maneira de como a gente vê a vida. É um desejo para organizar o meu jeito de ser. É um corpo que pode ser invisível ou disciplinado. É a manifestação que é construída nas relações que mantemos com os outros no dia a dia”.

Assim, o corpo é biológico, mas é também fluido, se movimenta, se manifesta, se constrói, desconstrói, se entrelaça e se define a partir das relações com os *outros*, ou seja, expressa um movimento de busca por uma identificação que ora se aproxima, ora se afasta dos *outros*. Destaca-se uma narrativa em que o corpo é pessoal:

“O corpo é o meu lugar que habito, onde repousam e fermentam as minhas ideias. Materialidade do meu ser; com ele me movimento, sinto e percebo as sensações ao meu redor. Cuido do meu corpo como cuido das coisas especiais da minha vida. O corpo é vida, vida que

existe e se apresenta ao mundo revelando quem sou hoje”.

Representações sobre corpo em interseção com gênero e sexualidade

Sobre as representações de corpo e sua interseção com gênero, constatamos que @s estudantes não realizaram uma ligação direta com a categoria “gênero” ao escrever sobre corpo, embora não exista corpo sem gênero no imaginário social. Contudo, nos diálogos orais houve um maior aprofundamento no que se refere à interseção com gênero, articulando suas significações a partir de experiências formativas iniciadas no âmbito familiar e desenvolvidas nos processos de socialização secundária, como se pode observar em alguns depoimentos:

“Eu tenho um senso comum, a gente tem de definir a vestimenta da pessoa, ela deve ser assim, assado, então é a parte mais visível do nosso interior, do nosso eu, basicamente foi essa questão, do lugar mesmo, da ideia da gente compreender o outro, mesmo que de forma preconceituosa, né? porque não tem nada a ver nossas vestimentas com quem somos, mas é basicamente a ideia do lugar mesmo, desse espaço visível do eu, do indivíduo, do sujeito homem e mulher”.

“A regra manda que você seja bem bombado, saradinha, né? É até complicado o homem ser um pouquinho peludo, porque os homens hoje têm que ser muito bem lisinhos, porque as mulheres hoje mudaram, não querem mais homens peludos (risos)”.

“Eu vejo também nas questões de gênero, como é que as próprias mulheres cobram das outras mulheres sobre as aparências delas mesmas. Eu por exemplo – só aqui contando rapidinho –, detesto me depilar; agora na semana santa eu fui pra o interior com as minhas pernas cabeludas, eu usei short,

eu fui andar no interior com minhas pernas cabeludas. E tinha uma pessoa que fazia depilação, ela estava doida pra depilar minha perna (risos), ela não sossegou enquanto não depilou minhas pernas (risos). Então, assim, há uma cobrança realmente, enquanto ela não pegou a cera [Voz masculina: um padrão, um modelo, né?] É! Então assim, eu não to nem aí pra minhas pernas cabeludas... Então, assim, há uma cobrança principalmente entre as mulheres”.

A vestimenta sobre o corpo, espaço visível do eu, homem ou mulher, injunções para ser “bombado” ou “saradinha”, peludo ou liso, lisa se for mulher, assim funcionam as representações e normatizações de gênero ligadas ao binarismo homem/mulher, masculinidade/feminilidade na vida cotidiana. Os depoimentos sinalizam a necessidade de adequar-se a um modelo socialmente pré-estabelecido de vestimenta, comportamento e estética para homens e mulheres, criando uma espécie de cerco aos que não adentrem plenamente. Para Foucault (2014), sempre estamos submetidos às várias ações de poderes repressivos e dispositivos de disciplinamento que atravessam os corpos por meio da “rejeição”, “exclusão”, “barragem” e “ocultamento”.

Sobre a conexão entre corpo e sexualidades, verificaram-se conotações de ambivalência e duplicidade nas experiências de corpo escritas pel@s participantes. Num depoimento acima, alguém já havia dito que o corpo se transforma conforme nossos desejos, mas está sujeito a repressões dos outros. Outr@s participantes consideram o corpo lugar de prazer, amor, cuidado, mas também de reprimir, esconder, se submeter; instrumento de prazer e alegria, mas também de dor e violência; nossa representação e nossa máscara; nós nos abstemos, nos

limitamos, porque os outros estão sempre vigiando e o corpo fornece chaves de leitura.

“Lugar de prazer. Lugar de amor. Lugar de cuidar. Lugar de reprimir, de esconder, de se submeter a padrões, verdades, jogos”.

“Instrumento que serve para vivenciar todas as potencialidades da vida, prazer, alegria, harmonia, energia, tristeza, dor, violência, entre outros”.

“O corpo pode ser entendido por alguns como um presente que deve ser cuidado, entendido e desenvolvido em toda sua natureza fisiológica. Para outros serve como leitura para julgar cada estereótipo em questão, sua sexualidade”.

“Então eu fico pensando, quantas pessoas mascaram seus comportamentos por achar que alguém vai descobrir que ele é homossexual? Então, né? o corpo ele é a nossa representação. Então muita gente mascara. Muita gente também se abstém de alguns prazeres ... de não se dar ao prazer de chupar um picolé e se melar. Então a gente se limita tanto, o corpo da gente, que a gente não consegue, às vezes, sentir alguns prazeres porque o outro sempre vai estar vigiando”.

Nas narrativas aparecem representações de normatização e disciplinamento como experiências comuns incorporadas e reproduzidas: repressões e vigilância dos outros que acarretam submissão e/ou dissimulação. Como o corpo é existencial, temporal e espacial, as experiências de socialização tendem a produzir um corpo padronizado e aceitável, e ao mesmo tempo questionar os que fogem à norma.

No momento da socialização das narrativas escritas, @s estudantes puderam expor seus posicionamentos e impressões sobre as representações de corpo d@s

demais estudantes. Assim, alguns/mas deram visibilidade às demarcações e controle da sexualidade e do corpo. De 10 narrativas orais que sinalizaram esses aspectos, destacamos duas:

“Ah porque eu era muito magra, ah porque de repente eu não podia me expor sexualmente. Ficou meio que subjetivo e até implícito esse posicionamento de algumas pessoas, de não poder expor seus desejos através do corpo que é materializado. Eu acho que o corpo está muito relacionado à sexualidade também, porque os dois têm um vínculo e conseqüentemente a gente trabalha um pouco do gênero nesse contexto. Essa foi a visão que eu tive, inicial”.

“Mais a questão do prazer, da questão do se tocar e essa questão do biológico também. Mas a partir do momento que a gente se toca, a gente acha que o corpo é meu, no caso né? Como já foi falado. Mas, tem toda questão das instituições que vão mandar no seu corpo. Como a questão do aborto. Você está grávida, mas a decisão de você abortar ou não, já não é sua. Até que ponto o corpo nos pertence?”

Ao distinguir as representações escritas das transcritas, pôde-se perceber que emergiram na discussão aspectos fortemente intrínsecos que acabam por ser naturalizados, como, por exemplo, o controle da sexualidade, que esteve associado até há pouco tempo ao controle da natalidade (pela abstinência sexual imposta mais às mulheres do que aos homens), impactando diferencialmente as vidas de homens e mulheres (como nos casos de gravidez e aborto). Esse aspecto é importante, visto que d@s 33 estudantes envolvidos na pesquisa (a grande maioria d@s quais mulheres, como as autoras das narrativas acima), cerca de 30% destacaram que vivenciaram experiências de

controle ou passaram por constante processo de vigilância normativa.

O “dispositivo da sexualidade”, para Foucault (2014, p. 116) “tem, como razão de ser, não reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global”. Ao refletir sobre a educação dos corpos e a produção da sexualidade “normal”, Louro (2010b) destaca que a educação corporal se inicia na família e é amplamente desenvolvida pela escola num processo de “escolarização do corpo” e produção de uma “masculinidade” e “feminilidade” disciplinada, segundo os padrões da heterossexualidade compulsória e das relações de gênero. Assim, os processos de socialização vividos produzem corpos normatizados e civilizados. Das mulheres, por exemplo, ainda se espera que sejam atraentes, às vezes mais magras, às vezes mais gordas, porém recatadas, isto é, não sexualizadas. E dos homens, ainda se espera estrita obediência à heteronormatividade.

Representações sobre corpo em diferentes fases da vida

Apresentamos, a seguir algumas narrativas que articulam os significados do corpo às etapas da vida, conforme apareceram espontaneamente nos relatos d@s estudantes adult@s. Algumas referem-se ao corpo na infância, outras à idade adulta, que é o momento presente d@s participantes, outras ainda à velhice. Houve apenas uma breve menção a corpo/juventude: “a gente tem sempre que ver como o adolescente tá lidando com seu próprio corpo”.

Corpo/infância:

“Eu lembro que eu era criança e eu estava assim oh (mostrou o gesto de balançar as pernas) (risos) numa festa, aí entrou uma pessoa e disse: ‘Ei, é falta

de educação ficar com as pernas balançando'. Aí eu disse: 'Ah tá!' Então é isso, como a gente é limitado".

"Eu já pensei aqui em mil coisas pra falar, porque é muita coisa. Dos exemplos, desde de quando a gente é criança, que não senta de perna aberta. Mas meus irmãos estão sentando de pernas abertas, porque eu não posso? Enfim, né? Essas coisas... a gente vai deseducando o corpo, como ela falou. A resposta é sempre porque você é mulher".

Um momento que eu passei com meu filho, meu filho tem oito anos, e há dois anos atrás na escola, a professora me chamou pra dizer que meu filho não parava. E o meu questionamento: não para por que? Ela disse: 'Porque agora ele já saiu das mesinhas e ele tem que ficar enfileiradinho'. Mini adultos em sala de aula! Nessas mini cadeirinhas que nós temos agora em sala de aula. Então a professora disse: 'Ele é comportado, presta atenção, faz as atividades, mas ele não para'. Aí eu fui ler um artigo que menciona Foucault que diz que essa questão da deseducação do corpo, então fala assim, que nós temos que adestrar os nossos corpos, reconhecer que na escola a gente tem que vigiar e punir pra que a escola seja um espaço moralizador e disciplinador do corpo, isso é muito forte. Então meu filho depois saiu perguntando: 'Mamãe, quer dizer que minha tia (o jeito brasileiro de ser professora) não gosta mais de mim porque eu tenho que ir lá na cadeirinha do meu colega que sentava perto de mim o ano passado e hoje eu tenho que me levantar pra dizer uma coisa pra ele, então minha tia não gosta mais de mim porque eu me levanto, porque eu me mexo? Então isso pra mim ficou: como a gente está educando nossas crianças já nessa perspectiva de corpo adestrado, moldado, plástico, a vácuo! A gente já está a vácuo, né? Tem que ficar ali".

São as mulheres que relatam lembranças de controle do movimento e da postura na infância, embora a escola exija imobilidade do corpo de tod@s @s alun@s, como relata uma mãe sobre a experiência escolar do seu filho hoje. Na fase adulta a expectativa revelada por alguns/mas participantes é que o sujeito tenha mais domínio do próprio corpo, de sua expressividade, desse "espaço" de si próprio, como sugerem as narrativas seguintes:

Corpo/idade adulta:

"Hoje entendo que corpo representa também subjetividades, pois sabemos que o corpo fala. Através dele podemos representar múltiplas coisas: o que somos ou até mesmo o que não somos. Isso vai se ampliando quando ficamos adultos".

"Corpo é o espaço onde eu me encontro. O caminho percorrido para esta concepção foi árduo. No percurso que eu segui sempre foi muito difícil perceber os sinais do "sagrado" e deixá-lo ao mesmo tempo se deparar com o que se estabeleceu como "proibido", as minhas sensações que dele emanam, de sentir, de querer e do viver estas sensações. Corpo é o espaço onde eu me encontro. Nele a minha história, a minha vida, as muitas descobertas possíveis, as que eu ainda não consegui identificar".

Os corpos nascem, crescem, podem se reproduzir, envelhecem e morrem. Para @s estudantes participantes da disciplina, por enquanto, a velhice é dos outros. A idade adulta, que é perda da juventude, promete maturidade e a velhice guarda as marcas de todo o percurso:

Corpo/velhice:

"Eu lembro de uma coisa que minha mãe falava (...) parecia que não estava em conexão com o corpo, com relação

ao envelhecimento, né? Ela dizia assim: “Eu só percebo que to velha quando eu me olho no espelho”. Então assim, a gente parece que não vai percebendo o envelhecimento, e hoje eu sinto isso. E a gente começa a chegar aos 40, começa a ver que tá tudo diferente e a cabeça tá muito melhor do que antes. Agora tem maturidade.”

“Corpo... envelhecer... marcas de sonhos, de vivências, de dores, prazer, caos, alegrias, descobertas, encantamentos, sorrisos, abraços, tensões, mortes, tesões – meu singular. Tempo escorre”.

O corpo finalmente está submetido ao tempo, e sugere-se um descompasso entre a maturação subjetiva e seu envelhecimento objetivo. O “tempo escorre” e as significações de corpo vão mudando, embora @s participantes não tenham apresentado imagens de decadência física.

Conclusão

Falar do corpo envolve várias perspectivas: a biológica que corresponde ao organismo físico, a psicológica que inclui a autoimagem e autoestima, a social e a antropológica que envolvem estereótipos e modelos culturais de representação (apreciação, depreciação) e de utilização do corpo físico, que servem para modelar e regular, inclusive, o corpo psíquico (Carvalho, Andrade e Junqueira, 2009), ou seja, a identidade. Neste exercício de aprendizagem e produção do conhecimento na disciplina Tópicos em Estudos Culturais da Educação: gênero, corpo e sexualidade - aprendizagens ao longo da vida, pretendíamos focalizar as experiências d@s participantes sobre corpo, como ponto de partida para a discussão coletiva e a elaboração conceitual posterior.

Embora alguns/mas alun@s estivessem mais à vontade do que outr@s para falar sobre o corpo, considerando

que o próprio constitui uma experiência íntima, percebeu-se que tod@s iniciaram um processo de reflexão sobre ideias e práticas estabelecidas sobre o corpo, bem como perceberam como essas ideias e práticas podem ter significados diferentes e multifacetados ao longo da vida.

Os corpos têm sido necessariamente genderados e seria interessante distinguir representações de homens e mulheres, o que não foi possível, devido à garantia de anonimato no procedimento de coleta utilizado. Pode-se hipotetizar que narrativas mais impessoais seriam masculinas e mais pessoais femininas, embora no grupo participante deste exercício, majoritariamente feminino e altamente escolarizado, tenham surgido muitos relatos impessoais. Possivelmente devido à pequena presença de homens, não encontramos relatos sobre expectativas de força e virilidade que podem perturbar os homens em diferentes fases da vida.

Em geral, percebemos que os significados do corpo para @s participantes reproduzem o binarismo de gênero e a ambivalência fruição-repressão dos prazeres corporais e das identidades a eles associadas. A questão da diversidade sexual e de gênero não apareceu nas narrativas colhidas. Apenas uma se referiu ao mascaramento do comportamento homossexual. Esse silenciamento pode estar vinculado ao desconhecimento e preconceito sobre a diversidade de gênero e sexual, e a uma postura de reserva sobre a própria sexualidade.

No que se refere aos significados do corpo ao longo da vida, observaram-se algumas lembranças de experiências na infância, mas quase que uma ausência tanto de foco no corpo no presente (idade adulta) quanto de projeção do corpo na velhice. Talvez isso seja devido à inibição de relatos de experiências pessoais d@s estudantes.

Consideramos que esta exploração das experiências e representações de corpo em suas interseções com gênero, sexualidade e geração constitui um desafio para todos que se interessam pela ampliação dos estudos do corpo e educação, criando um campo discursivo para a análise e discussão da contribuição desses estudos, bem como para refletir e falar sobre os corpos como “construtos culturais”, como “performances”

(BUTLER, 2010b), além do binarismo, e para a ruptura da naturalização e silenciamento do corpo, tão presentes ainda nas práticas sociais e pedagógicas. Como alerta Bell Hooks (2010), nós docentes temos dificuldades de falar sobre prazer, erotismo e desejo em nossas salas de aula e, conseqüentemente, dificilmente ficamos à vontade diante dessas manifestações por parte de noss@s alun@s.

Referências

- BUTLER, Judith. **Frames of War: when is life grievable?** New York: Verso, 2010a.
- BUTLER, Judith. **Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”.** In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b.
- CARVALHO, Maria Eulina P. de, ANDRADE, Fernando C. B., JUNQUEIRA, Rogério D. **Gênero e Diversidade Sexual - Um glossário.** João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2009.
- DIAS, Alfrancio Ferreira. **Representações sociais de gênero no trabalho docente: sentidos e significados atribuídos ao trabalho e à qualificação.** Vitória da Conquista/BA: Edições UESB, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 2014.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. **A produção cultural do corpo.** In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (BUTLER, 2010b), além do binarismo, e para a ruptura da naturalização e silenciamento do corpo, tão presentes ainda nas práticas sociais e pedagógicas. Como alerta Bell Hooks (2010), nós docentes temos dificuldades de falar sobre prazer, erotismo e desejo em nossas salas de aula e, conseqüentemente, dificilmente ficamos à vontade diante dessas manifestações por parte de noss@s alun@s.
- Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo.** 5 ed. Petrópolis, Vozes, 2010.
- HOOKS, Bell. **Eros, Erotismo e o Processo Pedagógico.** In: LOURO, Guacira L. (org.) **O Corpo Educação: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.
- LE BRETON, David. **Corpo, Gênero, Identidade.** In: FERRARI, Anderson. *et al.* **Corpo, Gênero e Sexualidade.** Lavras: UFLA, 2014.
- LOURO, Guacira L. **A escolarização dos corpos e das mentes.** In: LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 11. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010a.
- LOURO, Guacira L. **Pedagogias da Sexualidade.** In: LOURO, Guacira L. (org.) **O Corpo Educação: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Sobre os autores

Alfrancio Ferreira Dias

Doutor em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe. E-mail: *diasalfrancio@gmail.com*.

Maria Eulina Pessoa de Carvalho

PhD em Currículo, Ensino e Política Educacional (Michigan State University, USA),
Universidade Federal da Paraíba. E-mail: *mepcarv@terra.com.br*

Francisca Jocineide da Costa e Silva

Mestranda em Educação, Universidade Federal da Paraíba.
E-mail: *jocineideufpb@gmail.com*

Maria Stella Nunes de Luna

Universidade Federal da Paraíba. E-mail: *stellaluna204@hotmail.com*

Recebido em 10.06.2015

Aceito em 02,07.2015